



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Al-Jazeera**

**Pequim-China, 08 de agosto de 2008**

**Jornalista:** O senhor poderia me dizer por que é tão importante vir para a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim?

**Presidente:** Primeiro, porque o Brasil é um país que está reivindicando sediar as Olimpíadas de 2016; segundo, porque o Brasil tem uma parceria estratégica com a China; e terceiro, porque era importante fazer uma visita aos nossos atletas. É a primeira vez, na história do Brasil, que um presidente da República visita uma Vila Olímpica e os atletas. Isso é importante para dar um sinal ao mundo de que o Brasil deseja, definitivamente e de forma muito verdadeira, sediar as Olimpíadas no Rio de Janeiro, em 2016.

**Jornalista:** O senhor teria alguma preocupação em vir a Pequim, dada a controvérsia sobre assuntos de direitos humanos e outros levantados pelos Jogos?

**Presidente:** Nós temos que levar em conta as particularidades e o clima político de cada país. Eu não vim discutir direitos humanos com o Hu Jintao ou com os chineses, vim discutir esportes, vim discutir Olimpíadas. Em outro momento, quando estivermos em reuniões bilaterais, nós poderemos discutir temas políticos que englobam os direitos humanos.

Eu vim aqui para dar um sinal ao mundo de que o Brasil está reivindicando as Olimpíadas de 2016, mas que o mundo árabe pode reivindicar, a África pode reivindicar uma Olimpíada, afinal de contas não se pode passar a idéia de que esporte é um privilégio apenas de países ricos. Os



Estados Unidos já fizeram seis Olimpíadas, a Europa já fez muitas Olimpíadas, e nós achamos que agora chegou a vez da América do Sul. Quem sabe as próximas sejam em países árabes, e quem sabe, mais para frente, sejam em países africanos. Já que o esporte é o símbolo mais forte do exercício da democracia com paz, nós precisamos levá-lo a todos os continentes. Acho que o Brasil tem o direito e acho que é a vez do Brasil sediar, em 2016.

**Jornalista:** O senhor está propondo sediar os Jogos em 2016. O Brasil já sediará a Copa do Mundo em 2010. Dada a imensa estrutura envolvida nesses eventos esportivos – aqui na China foram gastos 40 bilhões de dólares na preparação dos Jogos –, o que atrai um país em desenvolvimento a sediar um evento de tão alto nível?

**Presidente:** No Brasil, quando eu decido fazer uma obra, de vez em quando aparece alguém que diz: “vai custar muito caro”. Eu sempre pergunto: vai custar caro, mas qual benefício vai trazer? Nós temos que analisar um evento como as Olimpíadas não apenas como gasto, mas como benefício. As Olimpíadas fazem bem para um país antes, durante e depois. Até porque o Brasil já fez os Jogos Pan-Americanos, vai fazer a Olimpíada Militar de 2011, com 6 mil atletas, e vai sediar a Copa do Mundo. Portanto, o Brasil está preparado do ponto de vista de infra-estrutura para realizar as Olimpíadas de 2016.

**Jornalista:** O colapso das recentes negociações de Doha parece ter desordenado todo o processo. O senhor tem tido um papel fundamental nas negociações entre o mundo em desenvolvimento, especialmente a China, e o mundo desenvolvido. Mas o fracasso das negociações foram muito ruins para o Brasil. Qual seria o próximo passo?



**Presidente:** Não é muito ruim para o Brasil. O Brasil é um país que tem uma agricultura competitiva quando comparada a qualquer país do mundo, e é um país que tem hoje alto valor agregado em vários de seus produtos exportados. A nossa preocupação com a Rodada de Doha, que já estamos negociando há sete anos, é que nenhum país importante do mundo tem o direito de nadar tanto e morrer na praia. É preciso que a gente tenha consciência, eu tenho dito desde o começo, que este acordo não tem que trazer benefícios para os Estados Unidos, para a Europa e nem para o Brasil, ele precisa é trazer benefícios para os países mais pobres. O que nós estamos querendo? Que a Europa flexibilize os subsídios dos produtos agrícolas para que os produtos dos países pobres possam entrar na Europa, e estamos querendo que os Estados Unidos diminuam os seus subsídios. Em contrapartida, estamos dispostos a oferecer alguma coisa em relação aos produtos industriais. Não tivemos acordo, por uma divergência entre Índia e Estados Unidos, mas penso que deveremos fazer um acordo. Já conversei com o presidente Bush por telefone, já conversei com o presidente Hu Jintao, vou falar com o primeiro-ministro Singh, na próxima semana, por telefone, e espero que a sabedoria dos governantes do mundo, que querem paz, que querem evitar a imigração, seja abençoada e que a gente possa, definitivamente, concluir o acordo para que o mundo seja menos violento, para que tenhamos menos (inaudível) no mundo.

**Jornalista:** A Suprema Corte brasileira está para decidir sobre o caso da reserva Raposa Serra do Sol. Qual a importância dessa decisão para o Brasil?

**Presidente:** Para nós, do governo, é muito importante que a Suprema Corte faça o julgamento porque nós já tínhamos feito a demarcação das terras, estávamos trabalhando para tirar os empresários que tem na área, e aí a Justiça aceitou um processo feito pelo governador do estado. Quando a Justiça decidir, é definitivo e ninguém mais pode reclamar. Por isso, eu estou torcendo



que a Suprema Corte tome a decisão mais correta para favorecer os índios brasileiros. Afinal de contas, todo o território brasileiro era dos índios em 1500, e eu acho que eles têm o direito de viver tranquilos na terra que eles entendem que é deles.

(\$31DHJMQ)